

## **A PSICOLOGIA ESCOLAR NA PROMOÇÃO DE AMBIENTES INCLUSIVOS E ACOLHEDORES: UM RELATO DE ESTÁGIO**

*Lucas Vieira Machado <sup>1</sup> e João Luiz Brunel <sup>2</sup>*

### **Resumo**

Este artigo apresenta um relato de experiência de estágio supervisionado em Psicologia Educacional, realizado em uma escola municipal de Criciúma-SC, com 58 estudantes de duas turmas de 5º ano. O objetivo foi desenvolver a integração e o respeito mútuo para promover um ambiente escolar inclusivo e acolhedor. A metodologia utilizada foi a observação participante, seguida por cinco encontros de intervenção com dinâmicas de grupo e rodas de conversa. Os resultados demonstraram que as atividades de identificação de características comuns e reflexão sobre estereótipos reduziram conflitos e fortaleceram os vínculos interpessoais. Conclui-se que a psicologia escolar desempenha um papel fundamental no combate à discriminação, embora a natureza pontual do estágio evidencie a necessidade de um acompanhamento psicológico contínuo e permanente nas instituições de ensino.

**Palavras-chave:** Inclusão Escolar; Relações Interpessoais; Ensino Fundamental.

## **SCHOOL PSYCHOLOGY IN THE PROMOTION OF INCLUSIVE AND WELCOMING ENVIRONMENTS: AN INTERNSHIP REPORT**

### **Abstract**

This article presents an internship report on Educational Psychology, carried out in a municipal school in Criciúma-SC, with 58 students from two 5th-grade classes. The objective was to develop integration and mutual respect to promote an inclusive and welcoming school environment. The methodology used was participant observation, followed by five intervention meetings featuring group dynamics and conversation circles. The results showed that activities focused on identifying common characteristics and reflecting on stereotypes reduced conflicts and strengthened interpersonal bonds. It is concluded that school psychology plays a fundamental role in combating discrimination, although the short-term nature of the internship highlights the need for continuous and permanent psychological support within educational institutions.

**Keywords:** School Inclusion; Interpersonal Relations; Elementary School.

<sup>1</sup>Graduando em Psicologia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Criciúma, Santa Catarina, Brasil. E-mail: lucasvieirapsi@gmail.com

<sup>2</sup>Mestre em Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Psicólogo e Docente do curso de Psicologia da UNESC. Criciúma, Santa Catarina, Brasil. E-mail: jlb@unesc.net



## LA PSICOLOGÍA ESCOLAR EN LA PROMOCIÓN DE AMBIENTES INCLUSIVOS Y ACOGEDORES: UN RELATO DE PRÁCTICA

### Resumen

Este artículo presenta un relato de experiencia de práctica supervisada en Psicología Educativa, realizada en una escuela municipal de Criciúma-SC, con 58 estudiantes de dos grupos de 5º año. El objetivo fue desarrollar la integración y el respeto mutuo para promover un ambiente escolar inclusivo y acogedor. La metodología utilizada fue la observación participante, seguida de cinco encuentros de intervención con dinámicas de grupo y círculos de conversación. Los resultados demostraron que las actividades de identificación de características comunes y la reflexión sobre los estereotipos redujeron los conflictos y fortalecieron los vínculos interpersonales. Se concluye que la psicología escolar desempeña un papel fundamental en el combate a la discriminación, aunque la naturaleza puntual de la práctica evidencia la necesidad de un acompañamiento psicológico continuo y permanente en las instituciones de enseñanza.

**Palabras clave:** Inclusión Escolar; Relaciones Interpersonales; Enseñanza Fundamental.

### 1. Introdução

A psicologia é uma ciência que abrange diversas áreas, havendo, portanto, vários campos de atuação possíveis para o profissional: clínica, organizacional, social, hospitalar, escolar, entre outros. Embora haja aspectos comuns, cada área dessa ciência tem sua história e suas especificidades.

A psicologia escolar tem seus primeiros registros entre fim do século XIX e início do século XX, desenvolvendo-se tanto na Europa, quanto na América. Inicialmente essa área psicológica esteve atrelada principalmente às crianças escolares com ou sem deficiências, e, posteriormente, atentando-se aos adolescentes e adultos que frequentam as instituições de ensino (Netto, 2011).

É relevante diferenciar, no entanto, a Psicologia Educacional da Psicologia Escolar. Enquanto a primeira constitui-se como um campo de conhecimento teórico e investigativo sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento, a segunda refere-se ao campo de atuação profissional, onde o psicólogo aplica esses conhecimentos no cotidiano das instituições de ensino (Netto, 2011). No presente relato, as intervenções do estagiário alinham-se à vertente da Psicologia Escolar Crítica, que compreende a escola como um espaço de relações sociais e políticas.

Em solo brasileiro, a partir da década de 1930, a psicologia desenvolveu-se consideravelmente para resolver problemas da Educação, principalmente em relação à formação de professores (Cruces, 2010). Nesse período inicial, as

cadeiras de psicologia educacional se destacavam nos cursos de pedagogia e filosofia.

No entanto, a atuação do psicólogo escolar não se restringe ao trabalho na instituição de ensino. Conforme Pereira Neto, Carvalho e Negreiros (2020), como os processos educacionais ocorrem em diversas esferas e níveis, o serviço da psicologia pode ir além dos muros da escola, como nas políticas públicas, por meio de programas ou ações com o objetivo de assegurar o acesso à educação e melhorias no ensino.

O próprio Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2019), por meio das Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica, enfatiza que a compreensão acerca da Educação se faz necessário levar em consideração o contexto das políticas econômicas, políticas públicas e políticas sociais.

No contexto atual, o psicólogo escolar e educacional tem nove atribuições destacadas pelo CFP (2008): Colaborar com educadores para que eles possam utilizar de conhecimentos da psicologia de forma crítica e reflexiva; Trabalhar com educadores e alunos para que as equipes e seus indivíduos se desenvolvam; Realizar atividades para prevenir, identificar e resolver problemas psicossociais; Investigar a relação professor-aluno e implementar metodologias que favoreçam a aprendizagem e desenvolvimento dos sujeitos; Auxiliar na atualização e reconstrução do projeto pedagógico da escola e criar programas educacionais completos, alternativos ou complementares; Participar dos planejamentos pedagógicos, currículos e políticas educacionais, bem como dos processos de avaliações e atualizações; Realizar programas de orientação profissional; Diagnosticar as dificuldades dos estudantes e encaminha-los para os serviços necessários; Supervisiona, orienta e executa trabalhos na área de Psicologia Educacional.

É importante salientar que a escola, enquanto um local inserido no mundo, não é isenta dos debates sociais (Borges; Cia, 2021). Pelo contrário, o que acontece na sociedade, reflete nos espaços educacionais. Muitas vezes os preconceitos e discriminações nas instituições são o reflexo daquilo que se manifesta nos demais cenários. Assim, o profissional da psicologia tem a possibilidade de contribuir para o acolhimento das demandas, promoção de um ambiente mais inclusivo e combater as discriminações.

De acordo com Almeida (2021, p. 163), "negros, índios, pobres, ribeirinhos, camponeses, entre outros sujeitos, são exemplos de grupos diversos ou coletivos concretos que até hoje estão lutando por reconhecimento e espaço na sociedade". Dessa forma, nos espaços escolares esses sujeitos que já estão às margens sociais são, muitas vezes, alvos de preconceitos e atos discriminatórios.

Nesse sentido, a escola é um ambiente importante para discutir e enfrentar toda forma de preconceito e discriminação. Conforme Dupla (2020, p. 246), "a escola é o espaço onde se constrói e se desmantela estereótipos, espaço de resistência e conflitos, de inclusão e exclusão". Para que isso ocorra, é

necessário que o professor esteja apto e queira trabalhar a temática em suas aulas. A referida autora destaca que por vezes os professores ou se omitem ou reproduzem esses preconceitos que estão enraizados na sociedade e aqueles docentes que decidem fazer diferente acabam sendo marginalizados. Sendo assim, compreende-se a necessidade de que outros profissionais auxiliem nessas questões.

No sentido de enfrentamento ao preconceito, Melo (2023, p. 142) dá um exemplo envolvendo pessoas com deficiência: “[...] a convivência com os alunos com necessidades especiais muda as relações, e aí, me parece que a inclusão é possível a partir da convivência com as diferenças”. Nessa perspectiva, destaca-se a importância de incentivar a convivência nas escolas com pessoas de diversas características, justamente para que o convívio fortaleça os vínculos e reduza a exclusão.

Durante o desenvolvimento humano, a criança e adolescente vai construindo sua identidade e nesse processo é muito relevante a formação de grupos e o sentimento de pertencer a eles. De acordo com o estudo de Lourenço (2020), o apoio social proveniente de grupos primários, como família e amigos, é essencial para a saúde mental dos indivíduos, e a quebra desses vínculos pode aumentar a vulnerabilidade ao adoecimento.

A promoção de relações respeitadas na escola e o fortalecimento de atividades práticas e culturais são elementos importantes no planejamento escolar, podendo contar com a participação ativa dos estudantes. O estudo revelou que adolescentes que têm boas relações com professores e colegas apresentam maior engajamento nas aulas e na aprendizagem, além de maior senso de pertença à escola. A percepção de apoio social também está associada a um menor risco de sofrimento psíquico. Os facilitadores do sentido de pertença à escola incluem amizades, respeito mútuo com colegas e participação em atividades extracurriculares.

Por sua vez, o projeto "Afetar com Afeto" (Silva *et al.*, 2023) realizado com crianças nos anos iniciais do ensino fundamental teve como objetivo promover valores como empatia, respeito e solidariedade. A troca de experiências entre a comunidade escolar e os participantes do projeto levou a uma maior compreensão da realidade da turma e das dificuldades emocionais enfrentadas por cada aluno. Os resultados mostraram mudanças positivas nas atitudes e pensamentos das crianças, contribuindo para o desenvolvimento de sua consciência individual. O projeto também teve impacto positivo nas relações entre as crianças, suas famílias e os professores, demonstrando sua eficácia não apenas na aprendizagem, mas também na formação moral e social dos alunos.

Portanto, é fundamental propor um ambiente acolhedor que favoreça a formação de grupos de apoio aos indivíduos em seu desenvolvimento. Além de criar essa atmosfera, é essencial enfrentar ativamente as diversas formas de discriminação e preconceito. Sendo assim, o presente artigo apresenta uma experiência de estágio em psicologia escolar em que teve como objetivo desenvolver a integração e o respeito mútuo entre os estudantes de uma escola

de ensino fundamental de Criciúma–SC, visando promover um ambiente escolar inclusivo e acolhedor.

## 2. Metodologia

O presente estudo é de natureza qualitativa, resultado da conclusão do Estágio Supervisionado em Psicologia Educacional, realizado em uma escola da rede municipal de Criciúma–SC entre março e junho de 2024. O público-alvo das intervenções foram estudantes de duas turmas de 5º ano, totalizando 58 alunos.

Primeiramente ocorreu o período de observação nas turmas de 4º e 5º ano e diante das demandas apresentadas as turmas de 5º ano foram selecionadas como alvo das intervenções. Para facilitar a menção no texto, as turmas serão nomeadas de A e B.

O método de observação adotado foi o participante. De acordo com Mónico *et al.* (2017), na observação participante, o investigador imerge na vida e cultura da comunidade estudada, permitindo que o observador obtenha informações e conhecimentos mais aprofundados do que obteria com outras formas de observação. No entanto, os autores ressaltam que, neste tipo de observação, é necessário estar atento ao equilíbrio entre observar e participar. Além disso, é importante salientar que a presença do observador pode interferir no comportamento do grupo, sendo assim, buscou-se interferir no mínimo possível.

Após a observação, foram realizados cinco encontros semanais para a execução de atividades práticas com duração de aproximadamente 40 minutos e/ou conforme acordado com professores e equipe diretiva. Essas atividades visaram fortalecer o relacionamento interpessoal entre os alunos, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo, acolhedor e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes.

O desenvolvimento do projeto ocorreu através de dinâmicas de grupo, exposições orais com foco nos temas definidos nos objetivos, roda de conversa com os estudantes e professores. Foram utilizados os seguintes materiais: caixa de papelão, papel, lápis, caneta, borracha, quadro e caneta de quadro branco. Além disso, diversos espaços da instituição de ensino foram utilizados, tais como sala de aula, pátio externo e ambiente de socialização.

## 3. Período de observação da turma e identificação de demandas

A escolha da instituição educacional ocorreu por sua proximidade geográfica e por constar na listagem de escolas conveniadas com a universidade. Como aponta Severo (1993), o processo de entrada é um momento fundamental para estabelecer o contrato de trabalho com a instituição. No contato inicial, a equipe diretiva demonstrou-se acolhedora, aceitando a proposta de estágio de imediato. No primeiro dia, o estagiário foi apresentado à estrutura física e às demandas específicas de cada turma, o que facilitou o planejamento das intervenções.

No período de março a abril, ocorreram as observações de sala de aula. Inicialmente, o estagiário visitou todas as turmas do período vespertino, do 1º ao 5º ano, se apresentando aos estudantes, professores e estagiários. Nesta semana inicial, em conversa com a diretora e a orientadora escolar, foi acordado dar maior ênfase na observação das turmas de 4º e 5º ano. Diante das demandas apresentadas, optou-se por focalizar nas turmas do 5º ano.

Nas segundas-feiras, no primeiro horário, as turmas de 5º ano tinham aula com policiais do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD). Ambas as turmas demonstraram gostar deste momento e realizavam as atividades com dedicação e animação.

Na turma B, desde os primeiros dias de observação, foi verificado que a postura da turma é bem diferente durante as atividades do PROERD em comparação com as aulas das professoras regentes. No PROERD, os estudantes sentam-se de maneira alinhada em suas carteiras, dialogam em tom de voz baixo, levantam a mão quando querem perguntar algo e quase não solicitam para ir ao banheiro ou tomar água. No entanto, quando estão com suas professoras, essa postura se modifica. Os diálogos são muito mais frequentes e com tom de voz mais elevado, levantam-se diversas vezes para ir ao banheiro, beber água ou andar pela sala.

O estudo de Sousa *et al.* (2022) acerca das representações sociais de estudantes do ensino médio sobre a violência urbana e suas repercussões na escola demonstra que há representações diferentes e contraditórias sobre policiais. Enquanto esses agentes são vistos como promotores de segurança e contribuidores para a redução de crimes, eles também são associados à disseminação da violência. Nesta perspectiva, o comportamento dos estudantes observados com os policiais durante suas aulas parece seguir uma lógica semelhante. Os policiais são figuras importantes que limitam os movimentos e exercem autoridade, ao mesmo tempo que tornam as atividades agradáveis, seguras e divertidas.

Foram acompanhadas aulas de três professoras pedagogas com perfis distintos. A primeira demonstrava uma postura baseada na afetividade, com o hábito de abraçar os alunos na chegada e priorizar atividades práticas. A segunda mantinha o foco estritamente no conteúdo programático, raramente abria espaço para debates ou perguntas que fugissem do tema da aula. A última, embora mantivesse uma postura mais séria, realizava momentos de conversa sobre temas da vida e da sociedade, obtendo uma resposta positiva dos estudantes. Segundo Catania (1999), essas diferentes formas de atuação docente funcionam como estímulos que moldam a participação e o comportamento dos alunos em sala.

Nesse sentido, o trabalho de Santos (2020a) salienta a importância de um professor afetivo. A afetividade é importante, visto que todas as características sócio-histórico-culturais impactam na aprendizagem das crianças. A autora destaca que, por vezes, o comportamento dos estudantes é uma forma de reagir ao seu meio, como, por exemplo, crianças que se apresentam revoltadas devido a agressões ocorridas em seus lares. O professor

afetivo pode proporcionar ao estudante formas de manifestar o que está sentindo e, nesse processo, ensina mais do que seu conteúdo disciplinar; ensina sobre ouvir e acolher os outros.

Além da afetividade, as professoras observadas no estágio utilizaram diversos materiais e técnicas, incluindo recortes, colagem, material impresso, atividades em pequenos grupos, maquetes e apresentações de vídeos ou slides.

Howard Gardner (1995) propõe que existem diferentes tipos de inteligência, cada uma representando uma forma distinta de aprendizagem. O autor menciona as inteligências Lógico-Matemática, Linguística, Espacial, Corporal-Cinestésica, Musical, Interpessoal, Intrapessoal e Naturalista. Diante disso, adotar diferentes metodologias é relevante para que diversos tipos de inteligências sejam contemplados nas atividades. Ao abordar diferentes formas de inteligência, as professoras não apenas respeitam as diversidades de aprendizagem entre os estudantes, mas também promovem um ambiente inclusivo e afetivo. Isso não só enriquece a experiência de aprendizagem, mas também contribui para o desenvolvimento integral dos alunos.

Em ambas as turmas, foi identificado que alguns estudantes não costumavam interagir com seus colegas. Na turma B, foram observados alguns agrupamentos, onde a comunicação ocorria principalmente entre estudantes do mesmo grupo. As interações entre estudantes de diferentes grupos eram geralmente situações de enfrentamento, debate e xingamento. As laterais e o fundo da sala eram ocupados por estudantes que não se inseriam nas divisões grupais.

Já na turma A, não foi observada divisão por grupos; a turma como um todo se manifestava como um único grupo. No entanto, foi observado que alguns estudantes não costumavam manter diálogo com seus colegas, apenas faziam suas atividades em silêncio e não interagiam com os demais. Também ocorreram situações de debate acalorados, sem xingamentos.

Em cada turma havia estudantes cujos comportamentos se destacavam e despertaram a atenção do estagiário. Na A, uma estudante sempre participava das aulas, tentando ser a primeira a ler suas respostas ou a responder à professora. Os demais estudantes da turma solicitavam que ela se acalmasse e demonstravam desagrado movimentando os olhos. Em algumas aulas, uma das professoras comentou: "respira e segura sua ansiedade".

Destacou-se na turma B um estudante que era constantemente encaminhado para a orientação escolar devido a comportamentos como levantar da carteira sem autorização, falar em tom de voz elevado durante as explicações e não seguir as instruções das professoras. No entanto, observou-se que a turma adotou uma postura de culpabilização sistemática contra o aluno, atribuindo a ele problemas nos quais nem sempre estava envolvido. Esse processo de exclusão era visível até na organização da sala, onde os colegas mantinham um espaço físico vazio entre as carteiras ao redor do estudante, isolando-o do restante do grupo.

A adolescência é marcada pela influência significativa dos grupos na construção da identidade dos jovens, com amigos sendo o principal referencial e o grupo ditando comportamentos e regras (Morais, 2020). A autora reflete sobre a interdependência entre indivíduo e contexto social, onde o ambiente grupal influencia a conduta e percepção dos adolescentes. Em seus referenciais, Moraes (2020) destaca que, no ambiente escolar, essa dinâmica pode resultar em embates e confrontos, à medida que os jovens tentam afirmar sua identidade e posição dentro do grupo, enfrentando conflitos internos e externos que refletem a busca por pertencimento e autonomia.

Além disso, Longo (2022) ressalta o processo de projeção nas relações grupais e como a definição de um bode expiatório atinge alguns estudantes. Segundo a autora, o bode expiatório, quando escolhido pelo grupo, é alvo da projeção dos aspectos inaceitáveis do próprio grupo. Essa projeção, autorizada pelo Supereu, pode aniquilar o indivíduo no Outro, usando o mecanismo de defesa projetivo. Ao afirmar o outro como estranho, o Supereu perverso não tem restrições para destruir o que nele é negado de nós mesmos, originando assim os preconceitos e discriminações.

Diante dessas observações, verificou-se a necessidade de desenvolver a integração e o respeito mútuo entre os estudantes. Assim, ficou definido como objetivo principal nas atividades a serem desenvolvidas com as turmas, a fim de promover um ambiente escolar inclusivo e acolhedor.

#### **4. Resultados e discussões das intervenções com as turmas**

No primeiro dia, o estagiário se apresentou novamente para as turmas, reforçando que estava ali para desenvolver algumas atividades de acordo com as demandas percebidas durante a observação. No entanto, não foi dito o objetivo das atividades, os estudantes deveriam ao final dos encontros tentar desvendar qual a proposta desenvolvida. Além disso, neste primeiro momento também foram definidos os acordos grupais para o desenvolvimento das atividades.

O estudo de Parra e Cruz (2021) destaca a importância da participação das crianças no processo de elaboração das regras e normas escolares. De acordo com as autoras, quando as regras são impostas prontas e sem a construção conjunta, o cumprimento delas se dá pelo medo da punição, espera de uma recompensa e com a necessidade da presença de autoridade. Quando construídas conjuntamente, favorecem relações de respeito mútuo, ouvir a opinião dos próximos e reflexões críticas da realidade. De fato, essas atitudes foram observadas durante a atuação do estagiário.

A primeira atividade realizada foi denominada "o que tenho em comum com você", consistiu em cada estudante escrever no papel seu nome e algo de que gosta. Em seguida, colocar esse papel na caixa que o estagiário levou. Após todos finalizarem, o estagiário retirou um dos papéis e solicitou que todos que têm aquele mesmo gosto se dirigissem à frente da sala. Nesse momento, de acordo com o tema, foi estimulado o diálogo entre estudantes.

No momento de ir à frente as pessoas com o gosto sorteado, foi questionado ao autor do papel se esperava que outros colegas também compartilhassem desse interesse. Em ambas as turmas foi relatado pelos estudantes surpresa e felicidade ao ver que seus gostos não eram individuais, outras pessoas também gostavam.

O estudo de Lemos e Mantuano (2022) questionava se é possível haver exclusão escolar dentro do processo pedagógico de uma escola libertária. Os autores perceberam que, para além das metodologias adotadas, os gostos em comum e interações entre os estudantes são elementos importantes para se pensar o processo de inclusão. O estudo de Santos (2020b) corrobora mencionando o espaço virtual dos jogos como um espaço de socialização de jovens que encontram nesse meio pessoas com gostos semelhantes. Dessa forma, ambos os estudos destacam a importância de os estudantes perceberem que há elementos que os unem.

Ainda sobre estabelecer a identificação e valorização das características comuns entre os estudantes, a segunda atividade consistia em os dividir conforme a fila em que se senta, para juntos elencar o maior número possível de características em comum de cada grupo.

Chamou a atenção do estagiário a maneira como as turmas utilizaram para definir o que colocar no papel. Na turma A a decisão era tomada por meio de diálogo, já os grupos da turma B realizavam uma votação para ver se o gosto era comum a todos os integrantes.

Na hora de socializar, os estudantes trouxeram a reflexão de que alguns colegas tinham gostos que destoavam do seu grupo atual, mas que encontrariam correspondência em outros grupos. Sendo assim, fizeram ampliações do debate, saindo da situação da atividade para o dia a dia, destacaram a possibilidade de encontrar outras pessoas semelhantes, mesmo que não participassem de atividades em comum.

De acordo com Monteiro *et al.* (2023), o trabalho em grupo pode proporcionar oportunidades para desenvolver tanto estratégias individuais quanto coletivas na resolução de problemas, promovendo assim uma formação integral dos alunos. Além disso, os autores destacam a diferença entre grupo e ajuntamento de pessoas. No primeiro, as pessoas envolvidas possuem algum vínculo. No segundo, não há essa vinculação. Dessa forma, a atividade proposta pelo estagiário parte inicialmente de ajuntamento de estudantes, fomentando a formação de grupos.

A terceira atividade foi realizada pensando em fortalecer o pertencimento ao grupo e promover a empatia e o respeito mútuo. A atividade consistia em escrever um elogio anônimo para algum colega da turma, o estagiário iria ler o elogio e a turma tentaria descobrir a quem era remetido.

Os estudantes que receberam elogios afirmaram terem se sentido feliz e surpresos, já os que não receberam destacaram os sentimentos de tristeza, inutilidade, sentindo-se esquecidos e insignificantes. Esses colegas tiveram suas falas acolhidas pelo grande grupo e levou à reflexão sobre a importância de

respeitar os colegas e o quanto elogiar as características das outras pessoas e ser empático pode ser positivo para todos.

O estudo de Silva (2020, p. 29) destaca que “a empatia na comunicação interpessoal é considerada como essencial e significativa para o estabelecimento de relações harmoniosas entre as pessoas, promovendo a compreensão e a aceitação”. Além disso, a autora ressalta que nas organizações, o ato de elogiar o outro em público reflete a importância dessa pessoa. A escola, sendo uma organização, pode aplicar o mesmo princípio.

Com o objetivo de estimular a reflexão sobre preconceitos e estereótipos, promovendo a tolerância e a valorização da diversidade foram realizadas a quarta e quinta atividades.

Na quarta atividade, o estagiário fez a leitura de uma história e os estudantes deveriam imaginar o personagem e suas características. Conforme a história era narrada, detalhes do personagem e de sua vida eram informados. Quando questionados, os estudantes revelaram que a cada trecho as informações modificavam sua imaginação, mas os personagens imaginados apresentavam características em comum como aparência física, profissões, família e jeito de se comunicar.

Em seguida, o estagiário fez algumas reflexões acerca da história e de como as vezes o julgamento ou estereótipos impedem que novos laços sejam criados. Nessa parte diversos estudantes, em ambas as turmas, desejaram contar seus relatos sobre colegas e amigos que na primeira impressão eram ditos como “chatos” e que, com a convivência, foram sendo percebidos gostos em comum e fortalecendo os laços.

O estudo de Martins e Menenguci (2023) discorre acerca dos impactos de estereótipos na formação da identidade de crianças negras e o papel dos professores para gerar mudança nesse aspecto. As autoras salientam o quanto alguns estereótipos são ensinados, primeiramente, no seio familiar. Em seguida, as estruturas sociais contribuem para reforçar ou gerar novos estigmas. Até os próprios livros didáticos também tem sua parcela de contribuição nesse processo. Por isso, a importância do professor, ou nesse caso, o estagiário de psicologia, desenvolver atividades visando a explorar essas concepções que por vezes estão enraizadas e dificultam o relacionamento em sala de aula.

Por fim, a última atividade, utilizando as profissões mais imaginadas na atividade quatro, cada estudante deveria escrever uma característica que descrevesse aspectos importantes para ser um dos profissionais: médico, advogado ou empresário.

Após os estudantes escreverem, foram realizadas reflexões acerca dos itens apontados como características essenciais para as profissões e como, às vezes, quando visto com maior atenção não são de fato relevantes. Os estudantes chegaram à conclusão de que cada pessoa pode exercer a profissão que desejar, sem necessariamente ter uma característica física ou situação financeira específica.

Relacionando as duas atividades, o estagiário conduziu uma conversa sobre o quanto os julgamentos e os estereótipos acerca dos outros são elementos que, na maioria das vezes, não agregam em nada. Apenas fomentam a discriminação e dificulta a elaboração de possíveis vínculos. Alguns estudantes comentaram que perceberam que isso ocorre e que já havia deixado de se comunicar com algum colega por causa disso, mas que iriam tentar mudar isso.

O estudo de Silva e Lavor Filho (2021) também reforça a importância da afetividade no contexto escolar. Além disso, os autores mencionam Vygotsky, ressaltando a interação entre estudantes no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Dessa forma, unindo a interação e a afetividade, têm-se possibilidades de desenvolvimento amplo para as crianças.

No dia de encerramento do estágio, foi solicitado feedback aos estudantes sobre como foi participar das atividades e o que aprenderam. Os relatos apontam que foram momentos divertidos e prazerosos, que contribuíram para melhorar o relacionamento das turmas. O fomento ao diálogo com colegas diversos surtiu efeito, alguns estudantes relataram estar se comunicando mais com outros colegas.

Concluindo as atividades, foi questionado se os estudantes tinham percebido quais eram os objetivos e prontamente eles responderam de forma correta identificando cada objetivo trabalhado (Estabelecer a identificação e valorização das características comuns entre os estudantes; fortalecer o pertencimento ao grupo e promover a empatia e o respeito mútuo; estimular a reflexão sobre preconceitos e estereótipos, promovendo a tolerância e a valorização da diversidade). O estagiário agradeceu às turmas e seus professores, enfatizando que o sucesso das atividades só ocorreu pelo empenho de todos. Os estudantes reforçaram que gostariam que as atividades continuassem no próximo semestre sendo realizado com um próximo estagiário.

Segundo Babilon *et al.* (2021), a psicologia escolar ainda não consolidou totalmente seu espaço de atuação, havendo questionamentos sobre o papel do profissional e sua relação com outros profissionais, estudantes e a instituição de ensino. Os autores destacam a perspectiva preventiva e interdisciplinar, afirmando que “o psicólogo escolar, quando inserido no contexto escolar, busca trazer benefícios para o processo de ensino-aprendizagem, com ações relevantes para o desenvolvimento do educando” (Babilon *et al.*, 2021, p. 140).

Diante do exposto, entende-se a importância do psicólogo escolar, reconhecida tanto pelos estudantes quanto pelas professoras da escola onde as atividades foram desenvolvidas. Além desse reconhecimento, houve sucesso no desenvolvimento dos objetivos propostos, com resultados que superaram as expectativas.

## **5. Considerações finais**

O espaço escolar é um ambiente rico de demandas para o psicólogo atuar. Além de auxiliar os processos de ensino-aprendizagem, esse profissional pode

contribuir para um ambiente mais harmonioso e combater as discriminações e preconceitos. Uma vez que a escola é o ambiente que forma cidadãos do futuro, intervir nessa etapa da vida, tem o potencial de contribuir para uma sociedade mais equânime.

O período de observação mostrou que as turmas mencionadas apresentavam questões referente a socialização dos estudantes, com alguns conflitos e separação em grupos. Com as intervenções realizadas, percebeu-se que os conflitos reduziram e a relação entre os estudantes melhoraram. Em alguns casos, estudantes que antes ficavam mais sozinhos, ao fim das intervenções já estavam se relacionando com alguns colegas de sala.

Os momentos de conversa com as turmas foram bastantes significativos. A partir do diálogo, foi possível falar sobre estereótipos e preconceitos que são aprendidos socialmente. A maioria dos estudantes se mostraram abertos às reflexões e, por meio de suas falas, demonstraram se apropriar das discussões.

Apesar dos resultados positivos alcançados, é fundamental considerar as limitações deste estudo. A principal delas refere-se ao caráter pontual e ao tempo reduzido da prática, uma vez que o trabalho foi desenvolvido ao longo de apenas um semestre letivo. Esse tempo escasso pode restringir o alcance das transformações, já que a consolidação de novas formas de relacionamento e a desconstrução de preconceitos enraizados exigem continuidade. Além disso, o encerramento do estágio coincide com o momento em que os vínculos de confiança e o sentimento de pertença dos estudantes estão sendo fortalecidos. Por isso, a experiência ressalta que intervenções preventivas e de promoção de saúde mental não devem ser ações isoladas de estagiários, mas sim parte de um acompanhamento psicológico contínuo dentro da instituição.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávio Aparecido de. Diversidade na escola: promovendo a igualdade e a democracia. In: ALMEIDA, Flávio Aparecido de (org.). **Políticas públicas, educação e diversidade: uma compreensão científica do real**. 2. ed.

Guarujá: Científica Digital, 2021. p. 161-171. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/books/978-65-89826-58-3.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

BABILON, Andressa Ferreira da Silva; ROCHA, Tiago de Oliveira da; FAGUNDES, Vinicius de Sousa; CORREIA, Geraldo Sebastião. A importância e contribuições do psicólogo no âmbito escolar. **Revista Espaço Acadêmico**, Serra, v. 11, n. 2, p. 126-142, jan./jul. 2021. Semestral. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2022/02/revista-espaco-academico-v11-n02-completa.pdf#page=130>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BORGES, Laura; CIA, Fabiana. Rotina familiar e acadêmica de famílias de alunos durante o isolamento social. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 8, n. 16, p. 202-217, 2021.



CATANIA, A. Charles. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil**. Brasília, DF: CFP, 2008. Disponível em: [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr\\_prof\\_psicologo.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf). Acesso em: 14 abr. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências Técnicas para atuação de psicólogos(os) na Educação Básica**. 2 ed. Brasília, 2019. 67 p. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologasos-na-educacao-basica/>. Acesso em: 07 abr. 2024.

CRUCES, Alacir Villa Valle. Psicologia e Educação: nossa história e nossa realidade. In: ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de (org.). **Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2010.

DUPLA, Simone Aparecida. Preconceito e diversidade: pelos becos da escola inclusiva. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/14842>. Acesso em: 18 abr. 2024.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

LEMOS, Daniel Dantas; MANTUANO, Giovanna Duarte da Silva. Estigma e paradoxo: o desvio e a exclusão em uma Escola Freinet. **Revista Inter-Legere**, v. 5, n. 34, p. c28066-c28066, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/28066>. Acesso em: 17 jun. 2024.

LONGO, Monique Marques. A projeção do ódio ao diferente na escola: bullying numa leitura freudiana. **Cadernos de psicanálise**, p. 207-219, 2022. Disponível em: [https://cprj.com.br/ojs\\_cprj/index.php/cprj/article/view/280/251](https://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/280/251). Acesso em: 10 jun. 2024.

LOURENÇO, Mariana Santos de Giorgio. **O sentido de pertença de adolescentes ao ambiente escolar e sua interface com o apoio social e a saúde mental**. 2020. 350 f. Tese (Doutorado) - Curso de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13374>. Acesso em: 21 abr. 2024.

MARTINS, Jociane Oliveira; MENENGUCI, Lilian Pereira. Estereótipos e formação da identidade da criança negra: o professor como agente de transformação. **Revista Científica Doctum: Educação**, v. 1, n. 6, 2023. Disponível em: <http://revista.doctum.edu.br/index.php/EDU/article/view/570>. Acesso: 18 jun. 2024.

MELO, Josineide Tavares de. Cultura, respeito e diversidade na escola. **Revista Territórios**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 139-148, jan. 2023. Disponível em: [https://www.revistaterritorios.com.br/\\_files/ugd/47a28d\\_07df4b56e78840d3b93db448947f2e0e.pdf#page=139](https://www.revistaterritorios.com.br/_files/ugd/47a28d_07df4b56e78840d3b93db448947f2e0e.pdf#page=139). Acesso em: 21 abr. 2024.

MÓNICO, Lisete S.; ALFERES, Valentim R.; CASTRO, Paulo A.; PARREIRA, Pedro M. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **CIAIQ 2017**, v. 3, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Lisete-Monico/publication/318702823\\_A\\_Observacao\\_Participante\\_enquanto\\_metodologia\\_de\\_investigacao\\_qualitativa/links/5978963645851570a1b979f6/A-Observacao-Participante-enquanto-metodologia-de-investigacao-qualitativa.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Lisete-Monico/publication/318702823_A_Observacao_Participante_enquanto_metodologia_de_investigacao_qualitativa/links/5978963645851570a1b979f6/A-Observacao-Participante-enquanto-metodologia-de-investigacao-qualitativa.pdf). Acesso em: 03 jun. 2024

MONTEIRO, Marco Aurélio Alvarenga; RODRIGUES, Fredy Coelho; LINS, Gisele Silva Ceciliano; GALVÃO, Idmaura Calderaro Martins. A formação de grupos operativos em aulas de robótica nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Em Teia: **Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 14, n. 3, p. 6, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/emteia/article/view/257787>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MORAIS, Bianka Azevedo. **Grupo operativo na escola como ferramenta de aprimoramento de relações interpessoais na adolescência**. 2020. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, 2020. Disponível em: <https://ulbra-to.br/bibliotecadigital/uploads/document63da63d777ff6.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

NETTO, Samuel Pfromm. As origens e o desenvolvimento da psicologia escolar. In: WECHSLER, Solange Múglia (org.). **Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2011.

PARRA, Andressa Carolina Scandelai; CRUZ, Luciana Aparecida Nogueira da. A percepção de alunos e professores do ensino fundamental II sobre regras. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 34, p. 260-273, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4942>. Acesso em: 17 jun. 2024

PEREIRA NETO, Amadeu Antônio; CARVALHO, Leilanir de Sousa; NEGREIROS, Fauston. O psicólogo escolar na gestão de políticas públicas de educação.



**Perspectivas em Psicologia**, v. 17, n. 1, p. 51-61, 2020. Disponível em: <http://200.0.183.216/revista/index.php/pep/article/view/476>. Acesso em: 07 abr. 2024.

SANTOS, Josiane dos. **Afetividade e aprendizagem**: uma relação entre professor e aluno a partir de Paulo Freire e Henri Wallon. Trabalho de conclusão de curso. Rio Grande do Sul, v.9. nº 3, 2020a. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/6531>. Acesso em : 10 jun. 2024

SANTOS, Romario da Silva. Cultura geek em jogos on-line: compreensões preliminares de uma sociabilidade juvenil. **Composição Revista de Ciências Sociais da UFMS**, v. 1, n. 23, p. 48-58, 2020b. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/compcs/article/view/7191>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SEVERO, Márcia Casella. **Estratégias em Psicologia Institucional**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SILVA, Ingrid Lucila da; FERRAZ, Elyziane dos Santos; FERRI, Joana M. Monteiro; AMORIM, Nayara R. Silva; CAMPOS, Alexandra Resende. **Afetar com afeto**: despertando a empatia em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. Anais IX CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/101232>. Acesso em: 21 abr. 2024.

SILVA, Maria Joselma da. **O valor da empatia nas práticas de liderança da coordenação pedagógica de uma escola pública de Pernambuco-PE**. 2020. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Administração, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1085>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SILVA, Millena Raianny Xavier da; LAVOR FILHO, Tadeu Lucas de. Afetividade e educação: notas sistemáticas sobre diferentes concepções na literatura. **Revista Amazônica**, v. 13, n. 2, p. 321-338, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/9053>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SOUSA, Ruama Fonseca de; LOBATO, Vivian da Silva; SILVA, Paula Inês Lobato; LOPES, Suzan do Socorro Britto de; CARDOSO, Michelly Conceição; CARVALHO, Isabel Soares de; BRAGA, Rosiléia Batista. As representações sociais de estudantes do ensino médio sobre a violência urbana no município de Igarapé Miri. **Concilium**, v. 22, n. 4, p. 307-319, 2022. Disponível em: <https://www.clium.org/index.php/edicoes/article/view/361/281>. Acesso em: 03 jun. 2024.



Recebido em: 24 de dezembro de 2025.  
Aceito em: 24 de março de 2026.  
Publicado em: 27 de maio de 2026.

